



O CONDE DE MONTE CRISTO NA INDÚSTRIA AUDIOVISUAL FRANCESA¹

The Count of Monte Cristo in the French audiovisual industry

El Conde de Montecristo en la industria audiovisual francesa

Ana Alexandra Seabra de Carvalho²

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2583-7221>

E-mail: aacarva@ualg.pt

Jorge Manuel Neves Carrega³

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0797-8891>

E-mail: jmcarrega@ualg.pt

Resumo: As adaptações fílmicas francesas de *O Conde de Monte Cristo/Le Comte de Monte-Cristo* (1844-1846) de Alexandre Dumas, tanto para o cinema quanto para a televisão, refletem as preocupações estéticas e narrativas de cada época, variando em fidelidade e inovação relativamente ao texto original. Todas evidenciam a universalidade dos temas de Dumas, como vingança, justiça e busca de identidade, demonstrando a relevância incessante deste romance oitocentista. Desde o cinema mudo, que procurou manter a possível fidelidade à obra, apesar das omissões e fusões de personagens por questões de economia narrativa, até às versões do cinema falado, verifica-se uma significativa evolução na adaptação. A mais recente, de Alexandre de La Patellière e Matthieu Delaporte (2024), busca uma abordagem moderna e visualmente impactante, com alterações na trama que, embora reduzam a profundidade psicológica, atraem o público jovem. As minisséries televisivas também contribuem para a divulgação do romance, permitindo um desenvolvimento mais aprofundado da intriga. Ademais, a circulação internacional de profissionais de cinema, fomentada por coproduções entre países europeus, promoveu um cinema transnacional que buscou competir com Hollywood, atingindo mercados na América Latina e no Magrebe. As adaptações fílmicas de obras como *O Conde de Monte Cristo* contribuíram, portanto, para uma produção audiovisual de carácter transnacional, combinando qualidade artística e apelo comercial, com elementos de filmes de época, drama histórico e aventuras, visando conquistar um público internacional.

Palavras-chave: Alexandre Dumas; O Conde de Monte Cristo; Cinema francês.

¹ Este trabalho foi financiado por fundos nacionais através do projeto «UID/04019/2025 - CIAC» da Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

² Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve. Faro, Algarve, Portugal.

³ Centro de Investigação em Artes e Comunicação da Universidade do Algarve. Faro, Algarve, Portugal.



Abstract: French film adaptations of *The Count of Monte Cristo/Le Comte de Monte-Cristo* (1844-1846), both for cinema and television, reflect the aesthetic and narrative concerns of each era, varying in fidelity and innovation relative to the original text. All demonstrate the universality of Dumas's themes, such as revenge, justice, and the search for identity, showing the ongoing relevance of this 19th-century novel. From silent cinema, which sought to maintain fidelity to the work despite omissions and character mergers for narrative economy, to sound film versions, a significant evolution in adaptation can be observed. The most recent adaptation, by Alexandre de La Patellière and Matthieu Delaporte (2024), aims for a modern and visually impactful approach, with plot changes that, although reducing psychological depth, attract a young audience. Television miniseries also contribute to the dissemination of the novel, allowing for a more in-depth development of the plot. Moreover, the international circulation of filmmakers, fostered by co-productions among European countries, promoted a transnational cinema that sought to compete with Hollywood, reaching markets in Latin America and Africa. The film adaptations of works like *The Count of Monte Cristo/Le Comte de Monte-Cristo* thus contributed to a transnational audiovisual production, combining artistic quality and commercial appeal, with elements of period films, historical drama, and adventure, aiming to captivate an international audience.

Keywords: Alexandre Dumas; The Count of Monte Cristo; French cinema.

Resumen: Las adaptaciones cinematográficas francesas de *El conde de Montecristo / Le Comte de Monte-Cristo* (1844-1846), de Alexandre Dumas, tanto para el cine como para la televisión, reflejan las preocupaciones estéticas y narrativas de cada época, variando en cuanto a fidelidad e innovación con respecto al texto original. Todas ellas ponen de manifiesto la universalidad de los temas de Dumas, como la venganza, la justicia y la búsqueda de identidad, demostrando la vigencia constante de esta novela del siglo XIX. Desde el cine mudo, que intentó mantener la mayor fidelidad posible a la obra, a pesar de las omisiones y fusiones de personajes por razones de economía narrativa, hasta las versiones del cine sonoro, se observa una evolución significativa en las adaptaciones. La más reciente, de Alexandre de La Patellière y Matthieu Delaporte (2024), busca un enfoque moderno y visualmente impactante, con modificaciones en la trama que, aunque reducen la profundidad psicológica, atraen al público joven. Las miniseries televisivas también contribuyen a la difusión de la novela, al permitir un desarrollo más profundo de la intriga. Además, la circulación internacional de profesionales del cine, fomentada por coproducciones entre países europeos, promovió un cine transnacional que buscó competir con Hollywood, alcanzando mercados en América Latina y el Magreb. Las adaptaciones cinematográficas de obras como *El conde de Montecristo* contribuyeron, por tanto, a una producción audiovisual de carácter transnacional, que combina calidad artística y atractivo comercial, con elementos del cine de época, el drama histórico y la aventura, con el objetivo de conquistar a un público internacional.

Palabras clave: Alexandre Dumas; El conde de Montecristo; cine francés.



1 INTRODUÇÃO

O Conde de Monte Cristo/Le Comte de Monte-Cristo, obra-prima de Alexandre Dumas Pai, foi publicado pela primeira vez em folhetins no *Journal des Débats* entre agosto de 1844 e janeiro de 1846. No seu conjunto, a narrativa divide-se em 117 capítulos, recheados de inúmeras reviravoltas e *cliffhangers* que mantêm os leitores sempre em suspense. Trata-se de um dos romances franceses mais adaptados para cinema e televisão, com uma intriga rica e personagens complexas, decorrendo principalmente na França pós-napoleónica e explorando as temáticas universais do amor, traição, justiça, vingança e redenção, que o tornaram uma fonte inesgotável de inspiração para outros criadores. Após 180 anos, torna-se necessário recordar os pontos principais da intriga da narrativa original, uma vez que muitos espectadores a conhecem apenas em segunda mão, a partir de edições juvenis reduzidas ou adaptações audiovisuais. A história coloca em cena Edmond Dantès, um jovem marinheiro promissor, apaixonado pela sua bela noiva, Mercédès. Atraído pelos seus amigos e acusado injustamente de traição política, vê-se encarcerado no Château d'If, onde conhece o Abade Faria, outro prisioneiro político, que lhe serve de mentor e lhe revela a localização de um tesouro fabuloso escondido na ilha deserta de Monte Cristo, algures no Mediterrâneo. Após longos anos de detenção, quando Faria morre, Edmond consegue evadir-se no saco onde o cadáver seria deitado ao mar. Salva-se do afogamento e descobre o tesouro, transformando-se num homem rico e misterioso com a nova identidade de Conde de Monte Cristo. A sua grande fortuna permite-lhe orquestrar a vingança contra aqueles que o haviam traído: Danglars – que o invejara pela sua promoção a capitão; Fernand – que lhe cobiçara a noiva; Caderousse – que se calara; e Villefort – que o sentenciara a prisão perpétua sem julgamento para salvar o seu próprio nome.

Dantès sofre uma transformação radical durante o seu encarceramento através do convívio secreto com o Abade Faria, passando da ingenuidade à maturidade e à determinação. O seu percurso de vida é também uma busca pela sua identidade, tanto como homem quanto como símbolo de justiça. As relações amorosas, especialmente entre Dantès e Mercédès, ilustram os temas do amor incondicional e da perda. A traição desempenha um papel central na evolução da história. Através das suas manobras, Edmond percebe que a vingança nem sempre leva à felicidade e que ele também deve enfrentar as consequências das suas ações. No final, este herói romântico encontra uma certa tranquilidade junto de Haydée e considera a possibilidade do perdão.

Naturalmente, este brevíssimo resumo aflora apenas os principais eixos narrativos de uma obra com cerca de mil e duzentas páginas (Dumas, 2020), extremamente rica em intrigas e pormenores. Muito mais do que um simples romance de aventuras, *O Conde de Monte Cristo/Le Comte de Monte-Cristo* (1844-1846) configura uma exploração das complexidades da natureza humana, das lutas morais e das consequências das escolhas individuais. Ao longo do seu trajeto de vida, o protagonista tornou-se uma figura emblemática, um herói trágico, cujas lutas ressoam



até aos nossos dias, fazendo dele uma personagem que desperta empatia e reflexão nos leitores de todas as épocas, bem como nos espectadores de cinema e televisão.

Este trabalho pretende analisar as principais adaptações audiovisuais francesas de *O Conde de Monte Cristo*/*Le Comte de Monte-Cristo*, partindo da longa-metragem realizada por Henri Pouctal (1918), até às mais recentes de Alexandre de La Patellière e Matthieu Delaporte (2024, no cinema) e de Bille August (2024, na televisão). O nosso objetivo é salientar como cada realizador relê a obra literária em consonância com a sua estética individual (e epocal), mas também em diálogo com os seus predecessores, e analisar a dimensão transnacional destas produções audiovisuais.

2 O CONDE DE MONTE CRISTO NO CINEMA

A obra de Alexandre Dumas, em particular *Os Três Mosqueteiros*/*Les Trois Mousquetaires* (1844), e *O Conde de Monte Cristo*/*Le Comte de Monte-Cristo* (1844-1846), foi, desde cedo, alvo de inúmeras adaptações cinematográficas. Em França, berço do cinema e da sua primeira indústria, surgiram as primeiras e algumas das mais importantes adaptações da obra deste escritor de enorme popularidade, cujo contributo para a cultura de massas é incontornável.

Em plena I Guerra Mundial, a poderosa Pathé Frères produziu *O Conde de Monte Cristo*/*Le Comte de Monte-Cristo* (Pouctal, 1916-1917), estreado em 1918, devido às muitas vicissitudes causadas pelo conflito armado. Realizado por Henri Pouctal, com Léon Mathot no principal papel, o filme foi aclamado pelo público e pela crítica, representando um bom exemplo de romance-cinema, constituído por seis partes, divididas em quinze episódios, totalizando 2 horas e 53 minutos de duração. O formato em série permitiu abordar toda a riqueza dramática do texto dumasiano. Jean Angelo começou por interpretar Edmond Dantès; contudo, mobilizado para a frente de combate, foi substituído por Léon Mathot na versão final⁴. Trata-se de uma exaustiva e rigorosa adaptação da intriga do romance no que respeita ao protagonista, embora se verifique a elipse de toda a história paralela relativa à família de Villefort⁵ (lição que será seguida pelas adaptações posteriores). De salientar o desempenho do elenco⁶ no que respeita às expressões faciais, mímica e gestualidade, transmitindo grande intensidade emocional e dramatismo. Os intertítulos concisos fornecem os elementos-chave da narrativa. A estética visual dos cenários e figurinos de época é igualmente bem conseguida. Este filme constitui, pois, uma obra fundamental na história das adaptações de *O Conde de Monte Cristo*, com particular importância num período de crise do cinema francês, que enfrentava pela primeira vez a forte concorrência do cinema de Hollywood.

⁴ Jean Angelo voltaria a interpretar Edmond Dantès na adaptação de Henri Fescourt realizada em 1929.

⁵ Nomeadamente, a sua segunda esposa e o filho do casal, bem como toda a cadeia de assassinatos levada a cabo por esta envenenadora para se apoderar da fortuna de Valentine, filha do primeiro casamento do Procurador. Esta jovem, salva por Monte Cristo no final do romance, concretizará, com Maximilien Morrel, o *happy ending* amoroso, com a bênção e a fortuna do Conde.

⁶ Léon Mathot (Edmond Dantès), Nelly Cormon (Mercédès), Alexandre Colas (Danglars), Albert Mayer (Villefort), Jean Garat (Morcerf) e Gilbert Dalleu (Caderousse).



Onze anos depois, em 1929, surge a longa-metragem dividida em duas partes, *Monte-Cristo/Monte Cristo* (Fescourt, 1929), realizada por Henri Fescourt e protagonizada por Jean Angelo. Trata-se ainda de uma versão muda de grande impacto visual pela sua estética naturalista, apurado sentido do movimento, técnica narrativa muito variada, reconstruções sumptuosas e engenhosos efeitos especiais. Lançado num momento de profunda transformação tecnológica da indústria cinematográfica, marcado pela rápida consolidação do cinema sonoro, o filme obteve sucesso aquando da estreia, embora não tenha alcançado posteriormente a mesma reputação duradoura de outras obras de Fescourt.

A primeira parte é rica em aventuras: a prisão, o pesadelo do Château d'If, o encontro providencial com o Abade Faria (Bernhard Goetzke), a fuga espetacular, o resgate de Dantès por piratas solidários e, em seguida, a descoberta do tesouro da ilha de Monte Cristo. A segunda parte diz respeito ao início das tramas que levarão à vingança. Nesta versão, opta-se por suprimir a personagem de Danglars, aglutinada à de Caderousse (Henri Debain), que é agora o companheiro de navio invejoso e posteriormente o estalajadeiro (outros cineastas subsequentes seguirão este exemplo de maior economia dramática). A detenção de Dantès ocorre durante o seu casamento com Mercédès (Lil Dagover). Villefort (Jean Toulout), Procurador em Paris, mantém uma relação adúltera e tenta secretamente livrar-se do recém-nascido ilegítimo. Contudo, o bebé é resgatado, sendo criado por Caderousse⁷ e a sua mulher, Carconte (Germaine Kerjean) com o nome de Benedetto (Robert Merin). É notável a cena em que a mulher e o filho adotivo intimidam Caderousse até o levar a matar o joalheiro. Sem palavras nem intertítulos, a sua intenção é claramente transmitida pela gestualidade e olhares, levando Caderousse a ceder perante a intensidade dessa pressão psicológica (*Monte Cristo*, 1929). Depois de organizar a fuga da prisão de Benedetto, Monte Cristo fá-lo representar o papel de rico aristocrata para casar com a filha de Villefort (em vez da de Danglars, personagem ausente do filme).

A adaptação de Fescourt com duração de 3 horas e 43 minutos respeita a complexidade da história dumasiana, apesar de algumas simplificações já referidas, como o desaparecimento radical da personagem Danglars e sua família, de Bertuccio e irmã, assim como da segunda esposa de Villefort e a trama de envenenamentos. Contudo, esta versão resume a essência do romance no seu aspeto dramático, amplitude e fortuna em constante mudança das personagens, mas também na representação da evolução das suas inter-relações. O espectador identifica-se facilmente com o injustiçado Dantès na primeira parte do filme. Os cenários exteriores são notáveis, nomeadamente a chegada do veleiro a Marselha e as filmagens reais na ilha prisional do Château d'If. A segunda parte, centrada em Paris, revela-se gradualmente mais tensa e melodramática. Filmada sobretudo em estúdio com magníficos cenários (incluindo a Ópera de Paris) e cuidado guarda-roupa (Boris Bilinski e Emile Bertin), o filme utiliza com bom efeito as tintagens que ajudam a definir ambientes noturnos, diurnos e interiores. O agora Conde de Monte Cristo surge como um anti-herói consumido pelo desejo de vingança e determinado a derrubar não

⁷ Em vez de Bertuccio e sua irmã.



apenas os homens responsáveis pela sua prisão, mas também os seus familiares inocentes. Contudo, o trabalho de Fescourt e Jean Angelo consegue manter a adesão do espectador, nomeadamente quando Dantès se questiona se a sua vingança teria ido demasiado longe e, no final, salva os vários membros irrepreensíveis das famílias Morcerf e Villefort (Fescourt, 1929).

A estreia mundial em Paris realizou-se nos dias 25 de outubro (primeira parte) e 1 de novembro de 1929 (segunda parte). O filme foi exibido em diversos países, incluindo Portugal, onde estreou no dia 27 de novembro desse mesmo ano⁸.

Em 1942, Robert Vernay realizou uma longa-metragem em P&B intitulada *O Conde de Monte Cristo/Le Comte de Monte-Cristo* (Vernay, 1943) que apresentava Pierre Richard-Willm no papel principal. Aclamada pela sua fidelidade ao original, esta adaptação muito sóbria e teatral é uma nova tentativa de transpor exaustivamente o romance para o grande ecrã, reforçando o impacto narrativo da história, para o que contribuem significativamente os diálogos e a música de Roger Desormières. O filme divide-se em duas partes (*Edmond Dantès* e *Le Châtiment*) com uma duração total de três horas. O argumento suaviza a intriga dumasiana e, tal como a adaptação de Fescourt, suprime personagens essenciais: Danglars, aglutinado a Caderousse (Alexandre Rignault) e sua família; a segunda esposa de Villefort e a trama de envenenamentos; e Bertuccio (Marcel Herrand) absorve também a personagem do contrabandista Jacopo. Contudo, Richard-Willm revela-se um excelente protagonista, combinando a ingenuidade juvenil de Dantès e a fria resolução de Monte Cristo. A primeira parte, iniciada em dezembro de 1814, acompanha de perto o romance original, apesar da elisão de Danglars, assim como da redução ao mínimo do cativeiro de vinte anos e da amizade com o Abade Faria (Ermète Zacconi). A segunda, após uma breve sinopse dos acontecimentos cardinais da primeira dada pela voz *off* de um narrador, mostra um sumptuoso baile de Carnaval em Veneza, onde Monte Cristo organiza secretamente o rapto de Albert de Morcerf (Jean Chaduc) para conquistar a sua confiança. Mais tarde, na Ópera de Paris, o Conde é apresentado pelo jovem aos pais. A mãe, Mercédès (Michèle Alfa), reconhece em Monte Cristo o noivo amado tragicamente desaparecido e que ela julgava morto antes de se casar com o primo.

Filmada em Roma nos estúdios da Cinecittà, esta coprodução franco-italiana (Regina Films – Excelsa Film) surgiu em plena II Guerra Mundial, durante a ocupação nazi de França, tendo por esse motivo estreado em vários países só após o término do conflito. Apesar de não ter sido possível apurar a data de estreia em Portugal, acreditamos ter identificado este filme na programação do Cineteatro Farense, principal sala da capital algarvia, onde as duas partes foram exibidas nas sessões realizadas no domingo 22 e na segunda-feira 23 de agosto de 1948 (O Algarve, 1948).

Em 1948, estreou o filme *O Verdadeiro Monte Cristo/ Le Secret de Monte Cristo* (Valentin, 1948), protagonizado por Pierre Brasseur, com um argumento inteligente e

⁸ Para os dados relativos à estreia e circulação de *Monte-Cristo* (1929), cf. IMDb, *Monte Cristo* (1929), secção "Release info". Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt0020182/releaseinfo/>. Acesso em: 20 de fev. de 2025.



bastante original⁹. Tratar-se-ia da história real de Edmond Dantès, cujo nome verdadeiro seria François Picault, falsamente acusado por três rivais invejosos na véspera do seu casamento com Marguerite Vigouroux. Libertado da prisão e enriquecido graças ao tesouro de um abade italiano (Farina), vinga-se de Loupian (que lhe roubara a noiva), mas morre, o que leva Marguerite a sucumbir de dor. Dumas e a sua esposa teriam tomado conhecimento desta história em 1830, ouvindo-a da boca de um porteiro durante uma visita a uma mansão particular, e o escritor tê-la-ia transformado em romance¹⁰.

O Verdadeiro Monte Cristo/Le secret de Monte Cristo (Valentin, 1948) estreou em Paris a 17 de novembro de 1948, mas só chegou às salas portuguesas no dia 7 de julho de 1952¹¹, o que sustenta a possibilidade de, no ano de 1948, se encontrar em exibição nas salas nacionais a versão de 1943 realizada por Robert Vernay.

Em 1954, Robert Vernay revisitou a obra de Dumas numa nova adaptação (a primeira a cores), protagonizada por Jean Marais, com o argumento do realizador e do romancista Georges Neveux, também autor dos diálogos. Esta coprodução franco-italiana inova no elenco, equipa e compositor musical (Jean Wiener), conquistando a terceira melhor receita de bilheteira francesa do ano (7,7 milhões de espectadores)¹². Divide-se igualmente em duas partes (*La Trahison* e *La Vengeance*). A intriga segue a da primeira versão de Vernay, embora com algumas alterações importantes.

A primeira parte situa-se em Marselha, na manhã do dia 25 de fevereiro de 1815, e o espectador vê Mercédès (Lia Amanda) à janela esperando a chegada do veleiro de Dantès. O seu ambicioso primo Fernand (Roger Pigaut), já oficial do exército, procura convencê-la a esquecer o noivo e a casar consigo, mas ela resiste.

A segunda parte do filme inicia-se com a sinopse da primeira, não por uma voz *off* de um narrador extradiegético como na versão de 1943, mas feita pelo Conde a Jacopo durante a viagem entre Marselha e Paris. Aí chegado, instala-se sumptuosamente e introduz-se com facilidade na alta sociedade, graças ao seu estatuto e fortuna, não sendo reconhecido por Fernand de Morcerf, agora membro da Câmara dos Pares, nem por Villefort, Procurador-Geral. Durante um sumptuoso baile de máscaras na Ópera, Monte Cristo reconhece Mercédès e dança com ela. Para se infiltrar na família Morcerf, o Conde salva o jovem Albert (Jean-Pierre Mocky), filho do casal, de uma briga num cabaré, facilitando a sua apresentação formal a Mercédès, que fica lívida ao reconhecer nele o noivo tragicamente desaparecido e a quem ainda

⁹ Para os dados de produção e classificação de *Le Secret de Monte Cristo* (Albert Valentin, 1948), cf. Centre national du cinéma et de l'image animée (CNC). Disponível em: <https://www.cnc.fr/professionnels/visas-et-classification/7801>. Acesso em: 20 fev. 2025.

¹⁰ Dumas inspirou-se num relato publicado nas *Mémoires des Archives de Police*, de Jacques Peuchet, em 1838.

¹¹ Para os dados de lançamento de *Le Secret de Monte Cristo* (Albert Valentin, 1948), cf. IMDb, secção "Release info", disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt0217033/releaseinfo/>. Acesso em: 19 fev. 2025.

¹² Para os dados de bilheteira de *Le Comte de Monte-Cristo* (Robert Vernay, 1954), cf. Centre national du cinéma et de l'image animée (CNC), que regista cerca de 7,78 milhões de entradas em França. Disponível em: https://www2.assemblee-nationale.fr/static/14/comaffcult/CNC_Bilan%202015.pdf. Acesso em: 20 fev. 2025.



amava. O filme termina em Marselha, na mesma janela onde Mercédès esperava, vinte e dois anos antes, o regresso de Edmond. Agora ela assiste à volta de Albert, ingressado na marinha. A última imagem mostra Monte Cristo e Haydée afastando-se num veleiro rumo ao Oriente.

Esta adaptação teve como protagonista Jean Marais, ator que ganhou notoriedade graças à sua colaboração com Jean Cocteau em filmes como *A Bela e a Fera/ La Belle et la Bête* (Cocteau, 1946) e *Orfeu/ Orphée* (Cocteau, 1950). Entre meados da década de 1940 e o início dos anos sessenta, Marais foi uma das grandes estrelas do cinema francês, notabilizando-se em filmes históricos e de aventuras baseados em obras literárias do séc. XIX como *O Corcunda/Le Bossu* (Hunebelle, 1959) e *Os Mistérios de Paris/ Les Mystères de Paris* (Hunebelle, 1962), de Paul Féval e Eugène Sue, respetivamente. Distribuída em vários países europeus, a coprodução franco-italiana *O Conde de Monte Cristo/ Le Comte de Monte Cristo* (1954) estreou em Portugal em outubro de 1955¹³ e foi exibida em Faro, no Cinema de Santo António em 28 de março de 1956 (Correio do Sul, n. 1994).

1961 é o ano da estreia da adaptação homónima de Claude Autant-Lara, com Louis Jourdan no principal papel, uma coprodução franco-italiana de 3 horas e 15 minutos, inicialmente dividida em duas partes (*Le Comte de Monte Cristo: La Trahison* e *Le Comte de Monte Cristo: La Vengeance*). O argumento de Jean Halain introduz algumas figuras históricas bem conhecidas do público francês (como Vidocq ou Fouché¹⁴), mas, tal como as versões de Fescourt e de Vernay, suprime o banqueiro Danglars, sendo esta personagem aglutinada à de Caderousse, o companheiro de navio invejoso e posterior estalajadeiro. Para além disso, a perspetiva alarga-se: o protagonista humaniza-se, vingando-se em nome da justiça geral e não apenas pessoal.

Trata-se de um dos mais notáveis realizadores do cinema clássico francês, reconhecido pela sua capacidade em adaptar obras literárias ao cinema, com um estilo visual distinto e uma abordagem crítica às questões sociais e políticas. Esta versão do romance de Dumas é protagonizada por Louis Jourdan, uma das raras vedetas francesas que desenvolveu uma carreira significativa no cinema de Hollywood durante as décadas de 1940 e 1950, graças a colaborações com Alfred Hitchcock em *O Caso Paradine/The Paradine Case* (Hitchcock, 1947) ou Vicente Minnelli em *Gigi* (Minnelli, 1958). Desta forma, a escolha do ator principal, no período de maior popularidade do cinema popular da Europa mediterrânica, insere-se numa tradição da cinematografia gaulesa de levar ao ecrã obras dumasianas com vista à produção de filmes de aventuras

¹³ Para os dados relativos à estreia e circulação de *Le Comte de Monte-Cristo* (Robert Vernay, 1954), cf. IMDb, secção "Release info". Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt0046415/releaseinfo/>. Acesso em: 20 fev. 2025.

¹⁴ Eugène François Vidocq (1775-1857) foi um antigo condenado que colaborou com a polícia francesa, fundou a Sûreté e é frequentemente associado às origens da criminologia e da investigação criminal moderna. Joseph Fouché (1759-1820) foi ministro da Polícia durante o período napoleónico e figura central na organização da polícia política francesa. Cf. British Museum, "Eugène François Vidocq", disponível em: <https://www.britishmuseum.org/collection/term/BIOG244702>; e *Encyclopaedia Britannica*, verbete "Fouché". Acesso em: 20 fev. 2025.



com um claro apelo transnacional. Tendo surgido no auge da *Nouvelle Vague*, esta coprodução franco-italiana, filmada a cores e em *cinemascope*, para melhor aproveitar as belas paisagens do Mediterrâneo, foi desenvolvida segundo o modelo do cinema de aventuras transnacional, com o objetivo de oferecer ao grande público um entretenimento apelativo. Com efeito, o filme seria distribuído em dezenas de países, incluindo Portugal, onde estreou a 16 março de 1962, três meses após a estreia mundial em Paris¹⁵.

No final dos anos sessenta surge o filme de André Hunebelle intitulado *Monte Cristo 70/Sous le Signe de Monte Cristo* (Hunebelle, 1968), protagonizado por Paul Barge. Trata-se de uma reescrita da história dumasiana transposta para o contexto da Segunda Guerra Mundial e décadas seguintes. O herói, Edmond Dantès, um combatente da Resistência, é falsamente acusado de colaboração com os nazis e encarcerado durante dois anos na fortaleza de Sisteron (Provença) por ter denunciado e permitido o desmembramento de toda uma rede da Resistência. Três anos depois, em 1947, ele e o seu companheiro Bertuccio (Paul le Person) conseguem uma evasão ousada. Com a ajuda da sua noiva, Maria (Anny Duperey), escapam da polícia e voam para a América do Sul, sofrendo um desastre. Os destroços da avioneta são recuperados perto de uma zona costeira das Caraíbas e os fugitivos, dados como mortos. Após vinte anos de fuga e imensamente ricos, Dantès e Bertuccio regressam a França num luxuoso iate, onde Edmond recorre à cirurgia plástica para não ser reconhecido. Adotando o nome de Conde Christian Montès, introduz-se no meio social luxuoso da Côte d'Azur, onde Morcerf e Villefort vivem graças aos milhões roubados. Edmond atrai os dois instigadores do crime para uma armadilha, e estes serão desmascarados publicamente, ficando a sua inocência provada. Contudo, Maria (que o reconheceu pela voz) morre nos seus braços atingida pela bala disparada pelo marido para silenciar o justiceiro. No final, Dantès/ Montès parte solitário no seu iate chamado *Monte Cristo*. Este filme popular e muito dinâmico é um exemplo interessante de como a história dumasiana continua pertinente mais de um século depois e de como ela aborda temáticas intemporais, podendo ser reescrita de formas muito variadas (Hunebelle, 1968).

Foi já no final da década de 1970 que estreou uma popular série televisiva intitulada *O Conde de Monte Cristo/ Le Comte de Monte-Cristo* (Patellière, 1979), com Jacques Weber no papel principal. Tratava-se de uma coprodução internacional com participação de sete países europeus¹⁶, incluindo estações de televisão como a RTP, o que explica que esta minissérie tenha sido parcialmente filmada em Portugal, contando por isso com a participação de atores nacionais como Diogo Dória e Rogério Paulo. Com efeito, desde os anos sessenta, o impacto da oferta televisiva na maioria dos

¹⁵ Para os dados relativos à estreia de *Le Comte de Monte-Cristo* (Claude Autant-Lara, 1961) em Portugal, cf. IMDb, secção "Release info". Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt0054761/releaseinfo/>. Acesso em: 20 fev. 2025.

¹⁶ A minissérie contou com participação internacional e com o envolvimento da RTP, tendo sido parcialmente filmada em Portugal e contado com a participação de atores portugueses. Cf. RTP, *O Conde de Monte Cristo*. Disponível em: <https://www.rtp.pt/programa/tv/p20437>. Acesso em: 20 fev. 2025.



países europeus levou a um declínio do número de espectadores nas salas de cinema, obrigando a indústria francesa a rever as suas estratégias. Nesse sentido, começam a surgir coproduções televisivas que procuram transportar para o pequeno ecrã os modelos do cinema clássico e dos géneros populares com os respetivos temas e vedetas, como se verifica nesta série realizada por Denys de la Patellière.

Extremamente fiel ao romance, esta versão televisiva da obra de Dumas teve um argumento adaptado da autoria de Jean Chatenet com diálogos de André Castelot. Jacques Weber desempenha um Dantès notável, romântico e sombrio, que passa de um amorfo Edmond Dantès a um Monte Cristo glacial. Inicialmente, compunha-se de seis episódios (de 60 min.), divididos em duas partes (*Le Prisonnier du Château d'If* e *L'Arrivée du Comte de Monte-Cristo dans le Grand Monde Parisien*). O Conde é introduzido na alta sociedade pelo jovem Albert de Morcerf, filho do seu pior inimigo. Beneficiando de uma excelente banda sonora da autoria de Nino Rota, esta é a adaptação mais completa e fiel ao romance dumasiano, na qual numerosas passagens recuperam até os diálogos da obra literária (Patellière, 1979). A qualidade desta coprodução televisiva garantiu-lhe atingir o grande público em vários países, tendo sido transmitida pela RTP em 1980 e posteriormente reexibida pela estação pública de televisão no Canal 2.

Quase duas décadas depois, em 1998, estreia a minissérie televisiva mais célebre: *O Conde de Monte Cristo/ Le Comte de Monte-Cristo* (Dayan, 1998), luxuosa coprodução franco-italo-alemã, realizada por Josée Dayan, com Gérard Depardieu no principal papel. Dividida em quatro episódios (de 100 min.) e com argumento de Didier Decoin, esta adaptação mantém o esquema geral da narrativa literária, mas com alterações relativamente aos caracteres das personagens (o Monte Cristo de Depardieu é mais um *bon vivant*) e algumas relações entre elas, por exemplo, o Conde e Bertuccio (Sergio Rubini), ou o perdão de Dantès/ Monte Cristo a Danglars (Michel Aumont), assim como o final feliz entre o protagonista e Mercédès (Ornella Muti). A qualidade desta minissérie televisiva foi premiada com quatro *Sept d'Or* (melhor telefilme; melhor ator principal; melhor realizador; melhor argumento) obtendo um sucesso de audiência (12 milhões de telespectadores só em França). Em Portugal esta coprodução foi exibida pela RTP em 1999.

Quando protagonizou esta minissérie, Depardieu estava no auge da sua carreira, tendo alcançado popularidade internacional e o respeito da crítica, graças aos filmes *Cyrano de Bergerac* (Rappeneau, 1990) e o *Homem da Máscara de Ferro/ Man in the Iron Mask* (Wallace, 1998)¹⁷, este último uma produção norte-americana, que estreou no mesmo ano desta versão televisiva de *O Conde de Monte Cristo*.

Dando um longo salto até 2024, encontramos a mais recente adaptação cinematográfica na longa-metragem intitulada *Le Comte de Monte-Cristo*, escrita e realizada por Alexandre de La Patellière e Matthieu Delaporte, com Pierre Niney no

¹⁷ *The Man in the Iron Mask* (Randall Wallace, 1998) é uma adaptação livre de *Le Vicomte de Bragelonne*, de Alexandre Dumas, cuja parte final desenvolve a narrativa do Homem da Máscara de Ferro. Cf. National Geographic, "Who Was the Real Prisoner Behind Dumas's Man in the Iron Mask?", e Project Gutenberg, *The Vicomte de Bragelonne*. Acesso em: 20 fev. 2025.



principal papel. Com uma duração de 178 minutos, o filme foi apresentado “fora de competição” no Festival de Cannes de 2024, tendo sido calorosamente recebido pela crítica e também um sucesso comercial, com mais de 9,4 milhões de entradas em França. Visualmente muito interessante, com admiráveis cenários e figurinos, assim como uma magnífica fotografia, a obra revela a preocupação constante de oferecer um espetáculo agradável para o público contemporâneo, ainda que em detrimento do leitor mais conservador e rigorista de Dumas. Na verdade, a história original sofre várias entorses, as personagens perdem alguma profundidade e complexidade com a tónica do filme colocada no dinamismo da ação e na tensão dramática. Contrariamente às adaptações francesas acima referidas de Fescourt, Vernay e Autant-Lara, regressa a personagem de Danglars (Patrick Mille), agora o próprio capitão do *Pharaon*, que é despedido pela sua recusa em salvar uma naufraga, em detrimento da ascensão ao posto do jovem Dantès. A jovem resgatada das ondas por Edmond, chamada Angèle (Adèle Simphal), transportava uma carta secreta de Bonaparte, que Danglars apreende. Esta personagem feminina simplifica de forma radical, mas visualmente muito cativante, a intriga bonapartista envolvendo a família do Procurador Villefort, que é aqui um homem solitário, sem família para além desta inventada irmã. A família Morcerf, para quem o pai de Edmond trabalha, é já aristocrata desde o início do filme e sua protetora. O jovem Dantès ambiciona casar com Mercédès (Anaïs Demoustier), sem saber do mesmo interesse do primo dela, Fernand (Bastien Bouillon). Durante a cerimónia do casamento na igreja (e não no jantar de noivado), Edmond é detido e levado perante o Procurador Real, Gérard de Villefort (Laurent Lafitte), por acusação de bonapartismo devido a uma carta comprometedora encontrada na sua *Bíblia*.

Entramos numa segunda parte do filme, que decorre entre 1815 e 1830 e corresponde aos anos que medeiam entre o encarceramento de Edmond Dantès no Château d’If e a sua evasão. Aqui o argumento reencontra a intriga do romance: os primeiros anos de absoluta solidão até conhecer o Abade Faria (Pierfrancesco Favino), que se torna o seu mentor e lhe revela a existência de um fabuloso tesouro escondido no ilhéu deserto de Monte Cristo. Os argumentistas inovam uma vez mais: Edmond salva-se a nado, mas dirige-se sozinho à propriedade dos Morcerf ao encontro do pai e de Mercédès. Porém, fica a saber da morte do primeiro e do casamento da noiva com Fernand, que habitam há vários anos em Paris com o filho. Desolado, Dantès apodera-se do barco dos Morcerf e rumo à Ilha de Monte Cristo, onde descobre o tesouro.

Uma terceira parte do filme corresponde à execução da vingança de Dantès/Monte Cristo, André e Haydée (Anamaria Vartolomei) contra Danglars, Villefort e Fernand. O argumento revela-se novamente bastante inventivo para simplificar a complexidade e extensão da intriga dumasiana, mas obtendo um efeito correspondente à astúcia do seu protagonista e grande dinamismo visual. Assim, é no final de uma cerimónia, em que o general Fernand de Moncerf é condecorado com a Legião de Honra, que André irrompe subitamente através da porta da carruagem e lhe rouba a medalha. Para resgatar a honraria do pai, Albert (Vassili Schneider) persegue-o por ruas escuras e cai numa emboscada armada por Monte Cristo, que finge salvá-



lo para se introduzir no círculo do poderoso trio. Quando é apresentado a Mercédès de Morcerf, Monte Cristo permanece impassível, enquanto o rosto da dama imediatamente se perturba ao reconhecer secretamente o seu antigo noivo. É notável a cena do jantar oferecido por Monte Cristo a Fernand de Morcerf e aos casais Danglars e Villefort na casa de Auteuil para evocar a tentativa de infanticídio perpetrada por Villefort. Haydée e André prosseguem os seus projetos de sedução, frutuosos para a jovem (apaixonada por Albert), mas sem consequências para o rapaz, que se limita a encobrir os amores homossexuais da sua meia-irmã, Eugénie, com Suzanne (Lily Dupont). A vingança preparada durante anos concretiza-se, mas com alterações significativas relativamente ao romance: Danglars perde a sua frota mercante e todas as suas posses para Monte Cristo, assistido pelo arrependido Caderousse. Em tribunal, André revela-se publicamente como o filho adúltero de Villefort, que o enterrara vivo à nascença. Suspensa a sessão com o escândalo, quando a sala se esvazia, André diz a Eugénie que ambos têm a mesma mãe. Contudo, logo em seguida e ignorando as ordens do Conde, o jovem assassina o pai biológico ainda no edifício do tribunal e é abatido pelos tiros dos guardas. A morte de André leva Haydée a revoltar-se contra Monte Cristo, que ela considera responsável pelo sentimento doentio de vingança do jovem. Ela escreve a Albert, dizendo-lhe que fuja e a esqueça. Desesperado, o apaixonado vai a casa do Conde e propõe à amada fugirem juntos, mas são barrados por Monte Cristo, que a obriga a contar a sua triste história: ela é filha de Ali Paxá de Janina, traído e morto por Fernand de Morcerf, tendo a mãe e ela própria sido reduzidas à escravidão. Perante estas revelações, e entendendo que o Conde o tinha manipulado, Albert desafia-o para um duelo. Mercédès intercede e consegue evitar o pior. O Conde acaba por dar a sua bênção aos jovens enamorados¹⁸. Desesperado pelo abandono da mulher e do filho, Fernand corre a confrontar-se com Dantès, seguindo-se um violento duelo de espadas. Ferido, mas vitorioso, Edmond poupa Fernand para que viva com a desonra e a culpa pelas suas traições. Mais apaziguado, Dantès regressa ao mar, deixando a França; e Mercédès regressa à casa dos Morcerf, na Provença. Na cena final, na igreja onde outrora se teriam casado, ela encontra, escondida numa *Bíblia*, uma última carta de Edmond, que lhe escreve que, se a Providência os separou, ela poderá voltar a reuni-los um dia, aconselhando-a a manter a esperança, pois "toute la sagesse humaine sera dans ces deux mots: attendre et espérer!" – as derradeiras palavras do romance dumasiano.

Neste filme, Dantès/Monte Cristo, apesar da notável interpretação de Pierre Niney, surge como uma representação suavizada do carácter onipotente do herói oitocentista. Se as alterações verificadas subtraem densidade psicológica às personagens, elas são entendíveis numa dupla preocupação dos autores de economia da narrativa fílmica e de sedução de um público contemporâneo mais jovem, habituado a novos códigos ficcionais na literatura e no audiovisual.

¹⁸ Esta solução evoca o final da adaptação cinematográfica norte-americana *Monte Cristo* (Emmett J. Flynn, 1922), protagonizada por John Gilbert, na qual se estabelece um duplo desfecho amoroso para os pares Dantès-Mercédès e Haydée-Albert. A opção elimina igualmente a diferença geracional presente no romance entre Monte Cristo e Haydée.



Com um orçamento de 42,9 milhões de euros, este filme, que estreou nas salas portuguesas em 31 de outubro de 2024, registou 9 milhões e 428 mil espectadores em França¹⁹, demonstrando que a narrativa dumasiana continua a cativar os espectadores contemporâneos.

Igualmente em 2024, estreia uma nova coprodução televisiva franco-italiana²⁰ intitulada *Le Comte de Monte-Cristo/ The Count of Monte Cristo* (August, 2024), minissérie de oito episódios, realizada por Bille August e protagonizada por Sam Claflin. O argumento procura conjugar a narrativa dumasiana com um toque de modernidade que cativa o espectador contemporâneo. A nova adaptação desta história de amor, traição, vingança dos oprimidos contra os poderosos pretende sublinhar a densidade psicológica, as emoções e motivações das personagens. Para além disso, as figuras femininas, numa visão bem atual, surgem mais fortes, nomeadamente a jovem Haydée (Karla-Simone Spence), já não uma escrava assustada, mas uma mulher corajosa e autónoma.

3 CONCLUSÃO

As adaptações fílmicas francesas aqui tratadas, tanto para o cinema como para a televisão, refletindo as diferentes preocupações estéticas e narrativas do seu tempo, variam em termos de fidelidade e inovação relativamente ao texto original. Contudo, todas testemunham a riqueza e a universalidade dos temas desenvolvidos por Alexandre Dumas, como vingança, justiça e busca de identidade. Cada uma delas interpreta e modifica a obra literária, demonstrando como o romance oitocentista continua a ressoar junto do público de cada geração, confirmando a sua riqueza narrativa e a profundidade das emoções humanas com que lida. Desde a era do cinema mudo, com as notáveis longas-metragens de Henri Pouctal (1918) e Henri Fescourt (1929), cujo argumento se conserva muito próximo da obra dumasiana, apesar de necessárias omissões de intrigas paralelas (história da família Villefort) ou fusão de personagens (Danglars/Caderousse) por questões de economia narrativa cinematográfica. Já na época do cinema falado, Robert Vernay mostra-se atento às lições dos dois mestres anteriormente referidos, quer na sua versão de 1943, quer na de 1954. Saliente-se ainda a adaptação mais recente, o filme de Alexandre de La Patellière e Matthieu Delaporte (2024), onde se busca uma abordagem mais dinâmica e moderna, visando um espectador contemporâneo mais jovem e, eventualmente, não familiarizado com a obra literária original. Este filme destaca-se pela sua estética visual, com cenários e figurinos admiráveis, embora proceda a alterações significativas na

¹⁹ Para os dados de bilheteira de *Le Comte de Monte-Cristo* (Alexandre de La Patellière e Matthieu Delaporte, 2024), cf. AlloCiné, "Box Office du film Le Comte de Monte-Cristo". Disponível em: <https://www.allocine.fr/film/fichefilm-288404/box-office/>. Acesso em: 20 fev. 2025.

²⁰ Inserida no quadro da Aliança Europeia, a minissérie foi produzida pela Palomar (Itália), em colaboração com a DEMD Productions (França), e em associação com France Télévisions, Rai Fiction, Mediawan Rights e Entourage Ventures. Cf. France Télévisions, *Le Comte de Monte-Cristo: tournage d'une nouvelle série événement produite par l'Alliance européenne*. Disponível em: <https://www.francetvpro.fr/contenu-de-presse/61156281>. Acesso em: 20 fev. 2025.



trama e nas personagens, o que resulta numa perda de profundidade psicológica em relação ao romance dumasiano, mas também num ganho efetivo junto do novo público. Igualmente as séries produzidas para o pequeno ecrã aqui referidas contribuem para a divulgação da obra literária junto de uma audiência mais alargada, com a vantagem de poderem desenvolver a intriga de forma mais aprofundada.

Após a II Guerra Mundial, os convénios de coprodução internacional assinados entre França, Itália, Espanha e outros países europeus estimularam a circulação de profissionais da indústria de cinema e o desenvolvimento de um ecossistema cosmopolita nos estúdios de Paris, Roma, Londres e Madrid. Nesta dinâmica, a aposta num cinema popular, baseado em géneros e estrelas, desempenhou um papel fundamental para a sustentabilidade das indústrias de cinema da Europa mediterrânea e a sua projeção internacional (Carrega, 2023).

As adaptações cinematográficas e televisivas da obra de Alexandre Dumas, em particular *O Conde de Monte Cristo*, desempenharam, por conseguinte, um papel importante no desenvolvimento de uma produção audiovisual de carácter transnacional, largamente baseada em coproduções que promoveram a colaboração entre profissionais de cinema de países europeus que partilhavam afinidades histórico-culturais onde se incluía um imaginário literário e narrativo para o qual Alexandre Dumas contribuiu significativamente. Com efeito, as coproduções com participação maioritária francesa souberam aproveitar o enorme apelo mundial da narrativa dumasiana para produzir filmes e minisséries que combinaram qualidade artística com apelo comercial, integrando para o efeito elementos característicos do filme de época, o drama histórico e o filme de aventuras, com o objetivo de conquistar um público internacional.

REFERÊNCIAS

O ALGARVE. Faro, n. 2107, 15 ago. 1948. Hemeroteca Digital do Algarve.

ALLOCINÉ. **Box Office du film Le Comte de Monte-Cristo**. Disponível em: <https://www.allocine.fr/film/fichefilm-288404/box-office/>. Acesso em: 20 fev. 2025.

AMERICAN FILM INSTITUTE. **Monte Cristo (1922)**. AFI Catalog. Disponível em: <https://catalog.afi.com/Film/10841-MONTE-CRISTO>. Acesso em: 20 fev. 2025.

AUGUST, Bille (Dir.). **The Count of Monte Cristo** [minissérie]. Palomar; DEMD Productions, 2024.

AUTANT-LARA, Claude (Dir.). **Le Comte de Monte-Cristo** [filme]. Les Films Jean-Jacques Vital; Les Films René Modiano; Gaumont; Cineriz; Royal Film, 1961.

BRITISH MUSEUM. **Eugène François Vidocq**. Collections Online. Disponível em: <https://www.britishmuseum.org/collection/term/BLOG244702>. Acesso em: 20 fev. 2025.



CARREGA, Jorge Manuel Neves. **Géneros populares e cinema transnacional na Europa Mediterrânea**. Faro: Edições CIAC, 2023. DOI: <https://doi.org/10.34623/n7nt-n533>.

CENTRE NATIONAL DU CINÉMA ET DE L'IMAGE ANIMÉE (CNC). **Le Secret de Monte Cristo. Visas et classification**. Disponível em: <https://www.cnc.fr/professionnels/visas-et-classification/7801>. Acesso em: 20 fev. 2025.

CENTRE NATIONAL DU CINÉMA ET DE L'IMAGE ANIMÉE (CNC). Bilan 2015. Disponível em: https://www2.assemblee-nationale.fr/static/14/comaffcult/CNC_Bilan%202015.pdf. Acesso em: 20 fev. 2025.

COCTEAU, Jean (Dir.). **La Belle et la Bête** [filme]. Les Films André Paulvé; DisCina, 1946.

COCTEAU, Jean (Dir.). **Orphée** [filme]. Les Films André Paulvé; Films du Palais Royal; DisCina, 1950.

CORREIO DO SUL. Faro, n. 1994, 22 mar. 1956. Hemeroteca Digital do Algarve.

DAYAN, Josée (Dir.). **Le Comte de Monte-Cristo** [minissérie]. TF1; DD Productions; GMT Productions, 1998.

DUMAS, Alexandre. **Le Comte de Monte-Cristo**. Paris: Gallimard, 2020.

DUMAS, Alexandre; MAQUET, Auguste. **The Vicomte de Bragelonne**. Project Gutenberg. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/ebooks/2609>. Acesso em: 20 fev. 2025.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. Joseph Fouché, duc d'Otrante. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Joseph-Fouche-duc-dOtrante>. Acesso em: 20 fev. 2025.

FERNÁNDEZ, Carlos Blanco. **"Who Was the Real Prisoner Behind Dumas's Man in the Iron Mask?"**. National Geographic, 3 out. 2017. Disponível em: <https://www.nationalgeographic.com/history/history-magazine/article/who-was-the-man-in-the-iron-mask-dumas>. Acesso em: 20 fev. 2025.

FRANCE TÉLÉVISIONS. **Le Comte de Monte-Cristo**: tournage d'une nouvelle série événement produite par l'Alliance européenne. 11 out. 2023. Disponível em: <https://www.francetvpro.fr/contenu-de-presse/61156281>. Acesso em: 20 fev. 2025.

FESCOURT, Henri (Dir.). **Monte-Cristo** [filme]. Films Louis Nalpas, 1929.

HITCHCOCK, Alfred (Dir.). **The Paradine Case** [filme]. Vanguard Films, 1947.

HUNEBELLE, André (Dir.). **Le Bossu** [filme]. Production Artistique et Cinématographique (PAC); Globe Film, 1959.

HUNEBELLE, André (Dir.). **Les Mystères de Paris** [filme]. Da.Ma. Cinematografica; Production Artistique et Cinématographique (PAC), 1962.



HUNEBELLE, André (Dir.). **Sous le signe de Monte Cristo** [filme]. Da.Ma. Cinematografica; Les Films Sirius; Pathé Cinema, 1968.

IMDb. **Le Secret de Monte Cristo (1948)**. "Release info". Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt0217033/releaseinfo/>. Acesso em: 19 fev. 2025.

IMDb. **Monte Cristo (1929)**. "Release info". Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt0020182/releaseinfo/>. Acesso em: 20 fev. 2025.

IMDb. **Le Comte de Monte-Cristo (1954)**. "Release info". Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt0046415/releaseinfo/>. Acesso em: 20 fev. 2025.

IMDb. **Le Comte de Monte-Cristo (1961)**. "Release info". Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt0054761/releaseinfo/>. Acesso em: 20 fev. 2025.

MINNELLI, Vincente (Dir.). **Gigi** [filme]. Metro-Goldwyn-Mayer, 1958.

MONTE CRISTO (1929). **Silent Film Calendar**. Disponível em: <https://silentfilmcalendar.org/reviews/monte-cristo-1929/>. Acesso em: 22 fev. 2025.

PATELLIÈRE, Alexandre de La; DELAPORTE, Matthieu (Dirs.). **Le Comte de Monte-Cristo** [filme]. Pathé; Chapter 2; M6, 2024.

PATELLIÈRE, Denys de La (Dir.). **Le Comte de Monte-Cristo** [minissérie]. FR3; Europa Films; Bavaria Atelier; Edizioni Farnese; Rex Cinematografica, 1979.

PEUCHET, Jacques. **Mémoires tirés des archives de la police de Paris**: pour servir à l'histoire de la morale et de la police depuis Louis XIV jusqu'à nos jours. Paris: A. Levavasseur et Cie, 1838.

POUCTAL, Henri (Dir.). **Le Comte de Monte Cristo** [seriado]. Le Film d'Art; Pathé, 1918.

RAPPENEAU, Jean-Paul (Dir.). **Cyrano de Bergerac** [filme]. Caméra One; Union Générale Cinématographique, 1990.

RTP. **O Conde de Monte Cristo**. Disponível em: <https://www.rtp.pt/programa/tv/p20437>. Acesso em: 20 fev. 2025.

VALENTIN, Albert (Dir.). **Le secret de Monte-Cristo** [filme]. Codo Cinéma, 1948.

VERNAY, Robert (Dir.). **Le Comte de Monte-Cristo** [filme]. Regina Film; Excelsa Film, 1943.

VERNAY, Robert (Dir.). **Le Comte de Monte-Cristo** [filme]. Les Films Sirius; Les Films Jacques Roitfeld; Fonorama, 1954.

WALLACE, Randall (Dir.). **The Man in the Iron Mask** [filme]. United Artists; Metro-Goldwyn-Mayer, 1998.



CONTRIBUIÇÃO DO(A) AUTOR(A)

Contribuição	Ana Alexandra Carvalho	Jorge Carrega
1. Conceituação	x	x
2. Curadoria de dados	x	x
3. Análise formal	x	
4. Obtenção de financiamento		x
5. Investigação	x	x
6. Metodologia	x	x
7. Administração do projeto		x
8. Recursos	x	x
9. Software		
10. Supervisão	x	x
11. Validação	x	x
12. Visualização	x	x
13. Redação (rascunho/original)	x	
14. Escrita (revisão e edição)		x

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

Os autores declaram que não há conflito de interesse com o artigo "O Conde de Monte Cristo na indústria audiovisual francesa".

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS

(x) Todo o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

DECLARAÇÃO DE USO DE IA

Não houve utilização de ferramentas de Inteligência Artificial.

Revisado por: Mia Liberata David
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7734-873X>
E-mail: mialiberata@utp.edu.br